



DOI: 10.20911/25260782v11n3p166/2026

A morte de Deus e sua performance em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*

Ryam Santos das Neves¹

Resumo: A presente pesquisa versa sobre a Morte de Deus na filosofia de Nietzsche, em diálogo com o romance lusófono *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (2022), de Saramago. Deslinda-se, nesse enredo de substrato filosófico, uma reflexão no âmbito teórico da Epistemologia do Romance, com base nas obras nietzschianas *A Gaia Ciência* (2023), *Crepúsculo dos Ídolos* (2017), *Genealogia da Moral* (2022) e *O Anticristo* (2021), e na crítica literária saramaguiana. Objetiva-se, com este trabalho, discutir o significado da Morte de Deus e analisar como tal ideia se relaciona à obra saramaguiana, a partir dos efeitos estéticos impregnados na tessitura romanesca. A partir de tais tensionamentos, apresentam-se elementos estéticos e éticos que fazem do texto saramaguiano um solo propício para pensar a filosofia nietzschiana, em uma linha de costura que une o poético ao filosófico. A análise permitiu verificar como a crítica nietzschiana, no que tange à Morte de Deus e suas interpretações, dialoga com as críticas estetizadas na arquitetura de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Tais conjecturas são recorrentes na obra saramaguiana, o que demonstra como o pensamento filosófico de Nietzsche ecoa nas artes literárias.

Palavras-chave: Morte de Deus. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Nietzsche. Saramago.

Abstract: This research addresses the Death of God in Nietzsche's philosophy, in dialogue with the Portuguese-language novel *The Gospel According to Jesus Christ* (2022), by Saramago. Within this philosophically grounded narrative, a reflection is developed within the theoretical framework of the Epistemology of the Novel, based on Nietzsche's works *The Gay Science* (2023), *Twilight of the Idols* (2017), *On the Genealogy of Morality* (2022), and *The Antichrist* (2021), and on Saramago's literary criticism. The aim of this work is to discuss the meaning of the Death of God and analyze how this idea relates to Saramago's work, based on the aesthetic effects imbued in the novel's fabric. From these tensions, aesthetic and ethical elements emerge that make Saramago's text a fertile ground for thinking about Nietzschean philosophy, in a thread that connects the poetic to the philosophical. The analysis allowed us to verify how Nietzschean criticism, regarding the Death of God and its interpretations, dialogues with the aestheticized criticisms in the architecture of *The Gospel According to Jesus Christ*. Such conjectures are recurrent in Saramago's work, which demonstrates how Nietzsche's philosophical thought echoes in the literary arts.

Keywords: The Death of God. *The Gospel According to Jesus Christ*. Nietzsche. Saramago.

¹ Mestre em Metafísica, Universidade de Brasília (UnB) E-mail: Endereço: Asa Norte, via L3 Norte, Brasília-DF. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3716-2823>.

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é realizar um estudo comparativo entre o pensamento nietzschiano e a literatura saramaguiana. Parte-se da hipótese de que o romance de Saramago, no uso da ironia, da intertextualidade e das ambivalências, estrutura-se como uma narrativa capaz de refletir sobre o ser e a existência — instaurando, assim, o modo como a literatura pensa a moral e os valores humanos. Nesse sentido, analisaremos a construção estética das personagens e a maneira como elas se relacionam com o universo do romance, buscando uma reflexão nietzschiana sobre a religião cristã subvertida pelo narrador saramaguiano. Portanto, a presente pesquisa encontra seu fundamento na Literatura Comparada, examinando as semelhanças e diferenças entre o filosófico e o poético, compreendendo suas influências mútuas e as características circundantes do objeto literário frente às fronteiras da filosofia de Nietzsche.

Evocando as considerações propostas pelo pesquisador Lucas Gonçalves (2016, p. 631), ao conceber o conhecimento literário como uma linguagem estética do Ser, nossos esforços concentram-se em encontrar uma linha de raciocínio que faça da literatura saramaguiana um conhecimento estético e crítico da religiosidade cristã, tendo em vista que tais preocupações já emergem do próprio Saramago enquanto autor — compreendido aqui como um elemento essencial da crítica literária que, junto à obra e ao leitor, compõe o ciclo hermenêutico de interpretação voltado a suscitar noções inerentes à existência. Tendo em vista que, partindo das interpretações kunderianas do pesquisador Herisson Fernandes, o evangelho saramaguiano é compreendido, “como um território onde se pensa o mundo a partir de si, de suas ambiguidades, ambivalências e multiplicidades” (FERNANDES, 2017, p. 34). Nesse aspecto, firmando-se na Epistemologia do Romance (ER) como uma teoria que busca compreender a natureza epistemológica da arte romanesca, a análise aqui orienta-se pela tríade epistemologia, estética e hermenêutica, a fim de compreender o dialogismo entre a “Morte de Deus”, em Nietzsche, e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de Saramago.

Buscaremos, então, interpretar as críticas filosóficas estetizadas pela figura do narrador saramaguiano, identificando a função dos elementos estéticos presentes na arquitetura literária do romance, oriundos da intencionalidade criadora que orchestra os efeitos sensíveis inscritos no jogo da obra de arte. Sobre isso, Hans-Georg Gadamer afirma, em *Verdade e Método* (1999), que os elementos estéticos do romance não podem ser tomados como triviais, visto que funcionam como um mapa para descobertas e desvelamentos próprios da experiência estética. Assim, “a obra de arte tem, antes, o seu verdadeiro ser em se tornar uma experiência que irá transformar aquele que a experimenta” (GADAMER, 1999, p. 175). Nessa perspectiva, o pensamento de Jean-Paul Sartre em *Que é a Literatura* (2015, p. 62) mostra-se bastante relevante, uma vez que, para ele, a escrita prosaica constitui um eixo dialético de desvendamento e descoberta, cuja densidade dos fatos romanescos pensa e faz pensar a existência em sua completude. Ao propor o engajamento literário como norteador de sua filosofia estética, Sartre delinea um horizonte interpretativo que integra o leitor como parte essencial do romance, sendo este, por sua vez, uma forma de interpretação do mundo. Desse

modo, as tensões presentes no evangelho saramaguiano — suas subversões e desconstruções — unem-se ao propósito próprio da literatura de não postular verdades, mas de questionar verdades estabelecidas e tomadas como essências. Tal característica, em Saramago, ganha grande força pela natureza subversiva de sua criatividade, manifestada na descoberta e proposição de ideias sobre a existência.

1 PERSPECTIVAS NIETZSCHIANAS NO EVANGELHO SARAMAGUIANO

Pelo propósito de falar sobre a morte de Deus e seu significado na filosofia nietzschiana, apresentaremos o conceito para depois relacionar tal ideia com o romance saramaguiano. A “Morte de Deus” é narrada em *A Gaia Ciência* da seguinte forma:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? — E como lá se encontrassem muitos daqueles que não criam em Deus, ele despertou com isso uma grande gargalhada. Então ele está perdido? perguntou um deles. Ele se perdeu como uma criança? disse um outro. Está se escondendo? Ele tem medo de nós? Embarcou num navio? Emigrou? — gritavam e riam uns para os outros. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos — vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? Não sentimos na pele o sopro do vácuo? Não se tornou ele mais frio? Não anoitece eternamente? Não temos que acender lanternas de manhã? Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? — também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós, assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais — quem nos limpará este sangue? Com que água poderíamos nos lavar? Que ritos expiatórios, que jogos sagrados teremos de inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? Nunca houve um ato maior — e quem vier depois de nós pertencerá, por causa desse ato, a uma história mais elevada que toda a história até então!” (NIETZSCHE, 2023, 137).

A descrição de tal conceito compõe a análise nietzschiana à moral do rebaixamento (cristianismo) e introduz ao projeto de transvaloração dos valores. A natureza profética dessa cena se alinha ao modo como Nietzsche entende a morte de Deus: um fenômeno antropológico e natural. Essa cena se assemelha muito às pinturas que representam Diógenes procurando uma pessoa, o que está alinhado com o conhecimento de Nietzsche sobre a cultura helênica. Como exemplificado na pintura a seguir:

Figura I - *Diógenes em busca de um homem honesto*



Jacob Jordanes (1593–1678) Óleo sobre tela, 120 cm × 162 cm. Disponível em: https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:Jacob_Jordaens_and_Workshop_-_Diogenes_searching_for_an_honest_man.jpg. Acesso em: 29 mar. 2025.

Em *A Gaia Ciência*, podemos compreender que a metáfora da morte de Deus se trata de uma constatação da fragilidade das certezas humanas. Nietzsche trata a natureza religiosa como um declínio da racionalidade, causada pela própria crença na razão. É justamente a imaginação humana responsável por criar as ilusões e venerá-las como sendo naturalmente inquestionáveis, conforme Oswaldo Gaciola Junior:

Ao instituir seus prodigiosos sistemas de interpretação da natureza e da história, oferecendo uma resposta à pergunta pelo sentido da existência humana, os filósofos dogmáticos acreditavam ter conquistado definitivamente a verdade. E, no entanto, essa sempre foi uma crença ilusória, cuja insubsistência sempre escapou à pouca cautela crítica dos filósofos (JUNIOR, 2005, p. 12).

Esse corpo, que nasce de uma gestação carregada de misticismos e superstições, aprisiona a capacidade humana de autodomínio; sua liberdade é tomada às custas de um

amedrontamento. A ideia de que a religião surge como um consolo para o ser humano foi pensada por Schopenhauer (2005) ao descrever a necessidade metafísica, uma ideia que exemplifica o comportamento humano de criar ilusões como modo de sobrevivência no mundo.

Para Nietzsche (2007, p. 25), não nos diferenciamos dos outros animais; nossas certezas nada mais são do que o desenvolvimento profundo de nosso instinto de sobrevivência. Nesse contexto, em diálogo com Nietzsche, Scarlett Marton dirá que a religião surge como um empobrecimento que, ao mesmo tempo, em que consola o ser humano da indiferença do universo, o aprisiona em um mundo de ilusões. Dessas ilusões que, segundo ela, representam a fraqueza e pequenez, o ser humano “postulou um mundo verdadeiro, essencial, imutável, eterno” desprezando a beleza da vida “a religião cristã arquitetou a vida depois da morte para redimir a existência; assim, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Disso, resultou a opressão como modo de operação do cristianismo, a partir de práticas, normas e estruturas que restringiram a liberdade e o êxtase de viver, “a negação do mundo, a condenação da vida” (MARTON, 2009, p. 82)

E nesse sentido, o filósofo Emil Cioran disserta que somos “idólatras por instinto, convertamos em incondicionados os objetos de nossos sonhos e de nossos interesses. A história não passa de um desfile de falsos Absolutos, uma sucessão de templos elevados a pretextos, um aviltamento do espírito ante o Improvável” (CIORAN, 2014, p. 2011). O homem religioso mente, ele possui uma “necessidade de ficção, de mitologia, triunfa sobre a evidência e o ridículo.

2 O PAPEL DA RELIGIÃO NO CAMPO DA ARTE LITERÁRIA

A religião, no contexto expresso por Marton e Cioran, revela-se como um empobrecimento do espírito, um enfraquecimento das pulsões e uma limitação do pensamento em sua plena radicalidade. Nestes termos, a Morte de Deus, por sua vez, manifesta a condição de perecibilidade dos ídolos e marca o colapso da conduta orientada por um além-mundo, decompondo as estruturas metafísicas da moral e do sentido. As consequências desse “grandioso ato” são, de fato, dolentes, pois estabelecem o abismo da angústia existencial, fruto do desamparo ontológico e da errância do ser entregue a si mesmo. Os ecos do pensamento de Marton e Cioran se alinham ao que postula o filósofo francês, Jean Lefranc quando afirma que a morte de deus é um fenômeno natural, de apodrecimento da carne dos ídolos, “ela é apenas o fim de uma crença humana, demasiado humana” (LEFRANC, 2011, p. 193).

Isto posto, pode-se inferir que no pensamento nietzschiano, o mundo é compreendido como uma relação de forças, esse código existencial se mostra na relação que a terra detém com as árvores. Não nos furtamos em imaginar que a vida persista em sua própria existência e suas diversas manifestações se relacionam em uma luta guiadas pela vontade de potência. O mundo é vontade de poder (NIETZSCHE, 2009, p. 583). Segundo o pesquisador Rodrigues da Silva, referindo-se a Nietzsche, “Essas forças conflitantes reúnem-se formando complexos

de potência de impulsos que querem a todo custo dominar” (SILVA, 2007, p. 26). Dirá ele ainda que o conflito dessas forças é indubitavelmente inseparável do corpo humano, que se revelam em um dinamismo das paixões e das vontades, “os impulsos são o sustento da luta, promovendo aqui e ali deslocamentos de potências, na medida em que esses complexos ora cedem, ora se impõem, ora resistem”.

Nessa perspectiva, o gozo, as pulsões, o riso são em Nietzsche exaltados como sentimentos valiosos, aumento da potência. É a partir de tais conclusões que o filósofo avalia a moral cristã como abominável, ela retira da vida humana o gozo em detrimento da castidade. A castidade que obriga o ser humano a abandonar a vida em detrimento de uma outra irreal, a “pobreza, humildade e castidade - ideais perigosos e difamadores, mas, como venenos em certos casos de doença” são ideais que “rebaixam e estigmatizam o real” (NIETZSCHE, 2008, p. 151). Nesse horizonte, ao refletir em *Genealogia da Moral*, sobre a psicologia do religioso, Nietzsche chega à seguinte conclusão:

O homem do ressentimento não é franco, nem ingênuo, nem honesto e reto consigo. Sua alma olha de través; ele ama os refúgios, os subterfúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido lhe agrada como seu mundo, sua segurança, seu bálsamo; ele entende do silêncio, do não-esquecimento, da espera, do momentâneo apequenamento e da humilhação própria (NIETZSCHE, 2022, p. 27).

Do trecho subtrai-se que “o homem do ressentimento” possui um comportamento que se ergueu pela falsa concepção de causalidade, de que o mundo fora criado por um propósito divino, ela passou a ter uma necessidade mais, a necessidade justamente da aparição sempre renovada de tais mestres e doutrinas da “finalidade” (NIETZSCHE, p. 28). O ser humano se elevou, por sua própria consciência, na crença de que foi criado à imagem e semelhança de Deus, e de que ele está ao seu próprio serviço, inventando um ordenador das coisas, uma causa final, um juiz das nossas ações. Com base nessa linha de raciocínio herdada de Nietzsche, ao refletir sobre esta perspectiva da morte de Deus, a filósofa Scarllet Marton disserta que o homem foi “concebido enquanto criatura em relação a um Criador, quem avaliou; e os valores que criou desvalorizaram a Terra, depreciaram a vida, desprezaram o corpo” (MARTON, 2009, p. 72) e que, portanto, Nietzsche nos ensina que é preciso combater tais valores para que se criem outros; valores que engrandecem a vida, “tornando-se criatura e criador de si mesmo, o além-do-homem prezará os valores em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo” (MARTON, 2009, p. 72).

O filósofo francês Jean Granier (2013, p. 34), ao interpretar a filosofia nietzschiana, desenvolve a ideia de que “o pensamento metafísico, por conseguinte, decreta que a ambiguidade, as modificações, as misturas do mundo que recaem sob nossa experiência são aparências enganosas”. Essas “experiências enganosas” segundo o autor, se manifestam na construção da índole religiosa. Ainda, segundo Granier, elas compõem o declínio da racionalidade que desenvolve noções antagônicas de bem e mal, constituindo sistemas irredutíveis em uma

“ilusão efêmera”. Sob esse prisma, para Nietzsche (2005, p. 52), “desde o começo a fé cristã é sacrifício: sacrifício de toda liberdade, todo orgulho, toda confiança do espírito em si mesmo; e ao mesmo tempo solidão e auto escarnecimento, automutilação.”

Nesse horizonte, o ser humano, conforme Nietzsche, ao se entregar à doutrina e à “moral de rebanho” que manifesta o sentimento e instinto de fraqueza como norte de sua existência, perdeu o *Eros* como norte de exaltação da vida (NIETZSCHE, 2022, p. 121). A constante busca por uma finalidade última da existência provocou um declínio na cultura, que se apercebe rebaixada e humilhada: “os meios que até agora vimos usados pelo sacerdote ascético — o amortecimento geral do sentimento de vida, a atividade maquinal, a pequena alegria” (NIETZSCHE, 2022, p. 121). Isso não é trivial, pois a religião cristã isso provoca, ela retirou da vida sem aspecto trágico e instaurou uma estética idílica falseadora da realidade, essa estética que se mostra como “instinto de apequenamento” (NIETZSCHE, 2022, p. 12). Não por acaso, nos diz Schopenhauer, que “Demônios, deuses e santos são criados pelos humanos segundo sua própria imagem e semelhança” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 215). 92

Portanto, para Nietzsche:

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” — ou também “cativo”); nada senão efeitos imaginários (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “perdão dos pecados”). Um comércio entre seres imaginários (“Deus”, “espíritos”, “almas”) (NIETZSCHE, 2021, p. 18).

Nietzsche trata estes conceitos fantasiosos ancorados puramente em uma imagem antropocêntrica, um mundo de pura ficção, assim como na crença de que somos herdeiros da graça divina e de que a Deus somos eternos servos. Dessa perigosa ótica se vale a figura do sacerdote que impõem seu domínio e suas próprias vontades, subjugando seu rebanho para o fortalecimento de seu próprio egoísmo, “fazer-nos compartilhar de sua histeria, de seu bem, impô-la a nós e desfigurar-nos” (CIORAN, 2011, p. 16). Inspirado na filosofia de Nietzsche, Cioran é bastante preciso ao dizer que “é a Queda senão a busca de uma verdade e a certeza de havê-la encontrado, a paixão por um dogma, o estabelecimento de um dogma? Disso resulta o fanatismo” (CIORAN, 2011, p. 16).

Para Nietzsche (2008, p. 119, aspas do autor), “toda ‘verdade’ cristã é pura mentira”, e ela aprisiona a grandiosidade do espírito em sua vitalidade, força e orgulho. Corrompe a realidade e estabelece ficções e ilusões que deformam o real, além de formular dogmas para punir aqueles que a ela não se curvam. Em suas palavras, “toda fé exerce uma forma de terror, ainda mais temível quando os ‘puros’ são seus agentes” (CIORAN, 2011, p. 17). Esse “terror” é representado pela crença no inferno como um lugar para onde irão aqueles que, pela percepção do cristianismo, são considerados “maus”, almas entregues ao querer do “maligno”. Nesse aspecto, como nos diz o filósofo romeno, “o cristianismo é demasiado profundo – e

sobretudo demasiado impuro” (CIORAN, 2011, p. 2013). Com o advento da Morte de Deus na cultura, ao olhar do Nietzsche:

Ver a natureza como prova da bondade de um Deus; interpretar a história para a glória de uma razão divina; explicar as próprias vitórias como providência e aviso para a salvação da alma: isso agora acabou, tem a consciência contra si; as consciências refinadas o veem como indecoroso, desonesto, como mentira, [...], fraqueza, covardia (Nietzsche, 2021, p. 145).

Compreende-se, nesse sentido, que a crença na providência divina, na ordem, no sentido, na proteção e no destino revela-se como um sintoma de fraqueza e covardia. O que não significa que seremos entregues ao acaso e ao quietismo; pelo contrário, “uma vez perdida nossa crença em um mundo verdadeiro (e essa perda de crença é uma forma de morte de Deus, a desdivinização da natureza), podemos então tentar instaurar um significado neste mundo” (WOODWARD, 2016, p. 22). Com o perecer dos valores supremos postulados pela “falsa ordem” e pela “moral do rebaixamento”, o ser humano torna-se senhor de si, criador de valores que, em Nietzsche, devem pautar-se no aumento da potência e na valorização da vida. Portanto, a transvaloração necessita de uma supressão do “solo a partir do qual os valores até então foram engendrados” (MARTON, 2009, p. 75).

Em um conceito fundamental, o romance saramaguiano, ao meu olhar, se firma no “jogo das contradições de volta até o prazer da harmonia” (NIETZSCHE, 2008, p. 582), pois ele se ergue a partir das contradições do cristianismo, pela crítica que se manifesta na tessitura de sua obra, seja pela voz filosófica do narrador, pelos egos experimentais ou pela organização do espaço, é semelhante a essa interpretação que Silva defende que “o movimento romanesco quer trazer à tona tal condição e explorar as contradições” (SILVA, 2017, p. 21). Essa natureza do objeto artístico, que se revela no “pensamento” do evangelho saramaguiano, mostra-se indagadora, questionadora e reflexiva, nesse sentido ele é aqui lido como um “romance que pensa” nos termos reivindicados por Milan Kundera e referenciados pela Epistemologia do Romance:

A compreensão acerca de *romance que pensa* passa necessariamente por uma interligação da literatura com a filosofia, deixando ver que as acepções inicialmente apresentadas emergem a partir do entendimento do romance literário como território privilegiado do pensamento sobre o humano (BARROSO, 2019, p. 150).

Ao pensar sobre as palavras da pesquisadora Veralice Barroso (2019), buscamos apreender a dimensão epistemológica do *evangelho saramaguiano*, que, observo explorar o território da existência, em suas características contraditórias, efêmeras e exaltantes. Nesse aspecto, assim como Nietzsche, Saramago parece também possuir um movimento de transvaloração que retira da moral cristã seu aspecto determinista e profanando-a: mostrando sua natureza demasiadamente humana. Para tanto, ao finalizar esse capítulo, voltemos nosso olhar para o

seguinte fragmento de *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, que se trata da crucificação de Jesus Cristo:

Disseram os soldados a Jesus que se deitasse, e ele deitou-se, puseram-lhe os braços abertos sobre o patíbulo, e quando o primeiro cravo, sob a bruta pancada do martelo, lhe perfurou o pulso pelo intervalo entre os dois ossos, o tempo fugiu para trás numa vertigem instantânea, e Jesus sentiu a dor como seu pai a sentiu, viu-se a si mesmo como o tinha visto a ele, crucificado em Séforis, depois o outro pulso, e logo a primeira dilaceração das carnes repuxadas quando o patíbulo começou a ser içado aos sacões para o alto da cruz, todo o seu peso suspenso dos frágeis ossos, e foi como um alívio quando lhe empurraram as pernas para cima e um terceiro cravo lhe atravessou os calcanhares, agora não há mais nada a fazer, é só esperar a morte (SARAMAGO, 2022, p. 442).

A narração do processo de crucificação de Jesus possui um âmagô de definição bastante pulsante no desenvolvimento da humanidade do personagem, o que sintetiza o modo de operação do narrador ao descrever as dores sentidas por Jesus o comparando-o com seu pai José, tratando, na sutileza dos detalhes, a mesma natureza demasiadamente humana. Essas dores narradas pelo olhar focalizador do narrador constroem uma imagem de humanização desse ser tido como filho de Deus pela narrativa cristã. Essa instância também pode ser interpretada pela descrição simétrica que focaliza o corpo de Jesus, atravessado pelos pregos, e que também é atravessado pela ideia de humanização. Essas características são completadas pelo fragmento que se segue:

Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez. Depois, foi morrendo no meio de um sonho, estava em Nazaré e ouvia o pai dizer-lhe, encolhendo os ombros e sorrindo também, Nem eu posso fazer-te todas as perguntas, nem tu podes dar-me todas as respostas (SARAMAGO, 2022, p. 442).

A morte de Jesus impregna na página do romance a estética da contradição e da reflexão, esse gesto filosófico do narrador se expande para a ideia segunda a qual a humanidade

do personagem é em si explorada. Ver-se que a ideia de destino permanece no romance, explicita pelo fluxo de consciência do personagem — Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios —, mas esse elemento teológico aparece no romance transpassado pela ironia que se revela de forma duplicada: como exploração da natureza dos personagens pela dimensão trágica da vida e também como crítica ao cerceamento da liberdade humana usurpada pela moral cristã. O aspecto intertextual da narrativa também inverte a narrativa presente nos evangelhos canônicos, pois Jesus pede perdão aos homens e não a Deus, subvertendo, novamente, a conjunção dos dogmas cristãos pautados nas ideias de perdão, sacrifício e salvação. Por fim, finalizo esse ciclo de análise voltando ao capítulo 6 do romance, que guarda semelhança com a ideia de Morte de Deus em Nietzsche, e que revela como o pensamento do próprio Saramago atravessa sua obra:

[...] se olharmos com atenção as nuvens do céu, podemos ver a imensa mão que se retira, os longos dedos sujos de barro, a palma onde estão traçadas todas as linhas de vida e de morte dos homens e de todos os outros seres do universo, mas também, é tempo de que se saiba, a linha da vida e da morte do mesmo Deus (SARAMAGO, 2022, p. 70-71).

É com base em passagens dessa natureza que compreendo o processo de crítica à verdade cristã manifesta no romance, que a partir da construção do enredo, revelam as ambiguidades do real e do imaginário, dos questionamentos imbuídos no drama dos personagens, das ambivalências e da dimensão filosófica do objeto estético, que captura e explora as ideias da filosofia, aqui exemplificada pela morte de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões empreendidas neste trabalho constituem uma faculdade de elementos próprios do solo romanesco saramaguiano, dos quais os componentes estéticos desenrolam-se em críticas subversivas aos evangelhos canônicos. Desse modo, relacionar esse romance com o pensamento nietzschiano revela-se particularmente frutífero para as pesquisas litero-filosóficas, haja vista que essas ideias se expressam pela própria abertura do romance como forma de interpretação do mundo.

A partir da análise dos fragmentos aqui apresentados, foi possível compreender que a morte de Deus, para Nietzsche, configura-se como um conceito de grande relevância para a interpretação do romance saramaguiano — o qual, por sua vez, evoca tal conceito ao propor uma humanização do personagem Jesus, bem como pelas críticas articuladas pela voz filosófica do narrador. A humanização, como eixo epistemológico do objeto estético, insere-se em uma conjuntura em que a natureza paródica do texto saramaguiano possibilita a dessacralização das imagens santificadas pela doutrina cristã. Desse modo, a literatura, ao lidar com um mundo de verdades estabelecidas, tensiona os limites da interpretação literária

ao promover uma desconstrução dos processos de subjetividade ancorada em uma moral essencializada, o que, para Milan Kundera, em suas reflexões sobre a arte literária, “a única Verdade divina se decompõe em centenas de verdades relativas que os homens dividiram entre si. Assim, o mundo dos tempos modernos nasceu e, com ele, o romance, sua imagem e modelo” (KUNDERA, 2009, p. 14).

Os efeitos da literatura saramaguiana operam pelas engrenagens da metáfora, da ironia, da paródia e da intertextualidade, configurando uma abertura para a investigação das contradições humanas. A orquestração da morte do personagem Jesus na obra confere ao título a humanização do evangelho pelas vias transgressivas da arte literária, na qual os ecos sustentam-se na tentativa de construir uma linha reflexiva sobre o mundo. Ao dar cabo de uma narrativa proclamada como sagrada, Saramago, por meio da arte, conduz o leitor à reflexão sobre dogmas e estratificações religiosas. Nesse processo dialógico, o que Nietzsche entende como a morte de Deus na cultura encontra ressoamentos na literatura portuguesa.

Por fim, o evangelho saramaguiano revela-se como uma literatura plena de ideias — a leitura realizada neste artigo integra o entendimento do romance como uma abertura interpretativa, em que se manifestam tensões, questionamentos, contradições e ambivalências próprias do modo de filosofar, aqui exemplificadas pela aproximação com a filosofia nietzschiana, que, em suas perspectivas, configura-se como destruidora de ídolos.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, W.; BARROSO, M. V. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*. 2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B3rYBdIpwpzbeHV-6cFpHWkF5Yms/view>. Acesso em: 10 set. 2024.
- BARROSO, Maria Veralice. O riso e o erotismo como fundamentos epistemológicos da escrita romanesca de Milan Kundera. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 33, 2018.
- CIORAN, E. M. *Breviário de decomposição*. Tradução de José Thomaz Brum. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011. (E-book).
- FERNANDES, Herisson Cardoso. *Elementos para uma Ontologia do Romance: um estudo sobre a arte do romance de Kundera*. Dissertação. Disponível em: <http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/>. Acesso em: 4 jun. 2023.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- GONÇALVES, Lucas Fernando. O conhecimento literário como linguagem estética do ser. *Forma Breve*, Portugal, n. 14, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i14.544>. Acesso em: 11 ago. 2025.
- GRANIER, Jean. *Nietzsche*. Tradução: Denise Boatman. Porto Alegre, RS: L&PM POCKET, 2013.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. 2009.
- NIETZSCHE, Friederich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução do original alemão e notas de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. (E-book).

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (E-book).

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo e os ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a Verdade e a Mentira no sentido Extra-Moral*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. (Coleção Textos Filosóficos).

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como vontade e representação*. Tomo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barbosa. São Paulo: Unesp, 2005.

SILVA, Josemar Rodrigues da. *O papel do perspectivismo na filosofia de Nietzsche*. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10456>. Acesso em: 20 mar. de 2025.

WOODWARD, A. *Nietzscheanismo*. Petrópolis, RJ: Vozes Limitada, 2017. (E-book).

Artigo Submetido em 12/06/2025 e aprovado em 19/05/2025

Breves informações sobre o autor: Mestre em Metafísica, Universidade de Brasília (UnB).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3716-2823>

E-mail: Ryam.musica.17@gmail.com

Endereço: Asa Norte, via L3 Norte, Brasília-DF

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos, Felipe Cordeiro